

Acontecimiento e Prática Filosófica em Michel Foucault

Event and Philosophical Practice in Michel Foucault

Miguel Ângelo Oliveira do Carmo*
Universidade Federal da Paraíba/UFPB
mguel@hotmail.com

DOI: 10.5281/zenodo.3560286

Recibido: 15/02/2019 Aceptado: 10/08/2019

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo elucidar en qué sentido la idea de acontecimiento está presente en la filosofía de Michel Foucault, más como operador práctico en el modo de investigación que como puro concepto teórico. Pasando puntualmente por algunos trabajos reunidos en la obra *Dits et Écrits*, se intenta mostrar la real aparición de tal concepto a través de la aproximación del filósofo con la historia, en la elucidación de las relaciones entre el saber y el poder. Los ejemplos clásicos de investigación (de la locura a la sexualidad, pasando por la prisión) sirvieron de base para establecer la relación entre el acontecimiento y la práctica filosófica que le es característica.

Abstract: The present work aims to elucidate in what sense the idea of event is present in the philosophy of Michel Foucault, more as a practical operator in the mode of investigation than as pure theoretical concept. Going through some of the works collected in *Dits et Écrits*, we try to show the real appearance of such a concept through the philosopher's approach to history, in the elucidation of the relations between knowledge and power. The classic examples of research (from madness to sexuality through imprisonment) served as a basis for establishing the relation between the event and the philosophical practice that is characteristic of it.

Palabras clave: Michel Foucault, acontecimiento, práctica filosófica.

Keywords: Michel Foucault, event, philosophical practice.

* Brasileiro, doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ com graduação em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia/UFBA. Realizou Estágio Pós-Doutoral pela Universidade Estadual de Londrina/UEL e atualmente é professor associado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Coordena o Grupo de Pesquisa em Ética, Política e Filosofia da Diferença (GPEPFD/UFAC), no qual se dedica a pesquisar a obra de Michel Foucault em suas relações contemporâneas.

1. Introdução

A temática do acontecimento, ao longo da história ocidental, tem se demonstrado de pouco conhecimento perante estudiosos e praticantes da filosofia. Tal situação pode ter sua explicação desdobrada em vários sentidos e justificativas. No entanto, em certa prática contemporânea é possível encontrar não apenas esclarecimentos como também afirmações que buscam, cada um ao seu modo, resgatar em meio a teorizações e práticas o sentido de acontecimento. Nietzsche e Deleuze são apenas alguns exemplos promissores. Entre outros é impossível não destacarmos o de Michel Foucault.

Essa figura da filosofia traz aqui grande interesse não apenas pelo resgate da noção, tão presente no estoicismo antigo, mas pelo caráter usual empreendido como prática filosófica. Claro que tal indicação não nos autoriza a colocá-lo acima ou abaixo dos outros experimentos filosoficamente empreendidos em nossa cultura atual, longe disso, mas é fascinante vermos a confluência da relação entre acontecimento e história se expressar nos temas abordados no trabalho realizado por Foucault. De uma arqueologia do discurso, que não deixa de fomentar uma teoria pragmática do enunciado com tratamento acontecimental, à prática ética do sujeito, passando por uma genealogia do poder fincada na história, não deixamos de perceber a tentativa de uma filosofia do acontecimento. Aqui nos limitaremos, em grande medida, nas questões pertinentes a uma prática analítica do poder que procurou aproximações precisas com o mesmo dentro de uma diferenciação que marca distância da história tradicional.

Torna-se claro para nós que esta distância elucida uma proximidade com os estoicos não no sentido de manter uma passividade de leitura ou de interpretação teórica — sua prática não tem como característica isso. Se não encontramos muitas referências diretas aos estoicos é porque o uso *lhe* é mais viável. A experimentação de pensamentos, sejam estes da antiguidade (estoicos, entre outros) ou contemporaneidade (Deleuze, entre outros), reflete na própria prática, acentuando temas prediletos ou insistentes como acontecimento, história e prática e que ganham forma nas investigações em torno da loucura, do saber, do poder, do crime, da sexualidade, etc.

Nesse sentido, temos como objetivo central evidenciar, a partir de ditos colhidos em entrevistas e livros, o entrelaçamento genealógico entre acontecimento e prática filosófica no horizonte foucaultiano. Para tanto, seguimos a hipótese de que a prática filosófica dos temas abordados por Foucault, entre eles o da própria “prática”, se dá por certa maneira de usar o acontecimento e uma determinada forma histórica.

A demonstração desta interpretação segue alguns momentos. Inicialmente a tentativa em perceber, de maneira mais pontual, o lugar que ocupa o uso do acontecimento na proximidade com os estoicos e na gestão da sua própria ação filosófica, que não deixa de ter menções em pesquisas arqueológicas, mas que ganha maior dimensão pelo viés genealógico. Há um certo uso estoico por Foucault do tema do acontecimento, o que não lhe garante a declaração de pertencimento a tal tendência, mas reafirma uma maneira de empreender a tarefa filosófica de diferenciação e criação do novo.

Em seguida, traça-se o que se entende de maneira mais aprofundada por acontecimento — e por acontecimento em Foucault. Fazemos essa pertinente distinção para tentarmos elucidar que não bastou Foucault beber em fontes antigas ou próximas, mas trouxe como ato criativo-conceitual o desvio da nossa atenção para novos procedimentos de análise que, fazendo uso da história, girou em torno das questões microfísicas do poder. A “acontecimentalização” [*événementialization*] é um exemplo de que tal conceito não ficou na ordem puramente teórica em Foucault e se lançou em novas maneiras de afrontar a realidade transformando-a.

Por fim, trazemos não só a importância, mas o uso interpretativo dado ao tema da “prática”. E aqui é bom levarmos em consideração certa ampliação que atrela prática filosófica e prática de vida. A abordagem de temas como loucura, sexualidade, entre outros, foram caros à Foucault e, de uma forma ou de outra, foi preciso enfrentá-los filosoficamente. Daí a sua forma singular de definir a “prática” em seu jogo filosófico, perpassando o acontecimento e a história e chegando às atuais formas de poder oriundas do governo. Não perder de vista o acontecimento na prática filosófica de Foucault delega a exigência, sempre nova, de uma outra política perante nossa atualidade. E aqui a relação entre este tema e o acontecimento não perde importância no conjunto dos seus trabalhos: “A questão colocada por Foucault ‘o que é a nossa atualidade?’ tem como implicação tomar a noção de acontecimento como constitutiva desta interrogação. Interrogar a atualidade é questioná-la como acontecimento na forma de uma problematização”¹.

¹ Mais à frente, ainda sobre a relação, encontramos: “A noção de atualidade não é idêntica à noção de presente mas é construída a partir de um certo tipo de temporalização deste”. CARDOSO, Irene de Arruda R. «Foucault e a noção de acontecimento». In *Tempo Social*. 7 (1-2). São Paulo, 1995, pp. 54 e 56.

2. O acontecimento entre Foucault e os estoicos

Apesar de ter explicitado o conceito de acontecimento através de uma criativa releitura das obras deleuzianas *Lógica do Sentido e Diferença e Repetição*, o próprio Foucault em suas pesquisas já vinha formulando elementos para pensá-lo dentro da questão histórica do discurso, realçando as consolidações epistêmicas em torno do saber e lutando para se deslocar de certa aproximação arqueológica com o estruturalismo. No entanto, só mais tarde (a partir dos anos 70), na empresa de uma “genealogia do poder” — que procurou evidenciar tanto os procedimentos do discurso, com sua ordem, como as configurações de lutas extra discursivas —, que ele conseguirá dar ao conceito de acontecimento maior evidência, advinda pelo deslocamento investigativo que dará às suas pesquisas, propondo uma genealogia das formas de poder, ou pelo envolvimento prático e político contra as formas de repressão até então incômodas e presentes na cultura francesa. Experimentações de vida e de pensamento serão tomadas como armas de resistência contra o poder em seu nível micro e macro.

Esse deslocamento, como disse, vai da ordem discursiva às práticas no âmbito da ação e das reações que lhe cabem, ou seja, da arqueologia dos discursos à genealogia das práticas de poder temos um deslocamento não apenas em termos metodológicos, mas também, e aqui nos referimos estritamente ao acontecimento, estrategicamente persistente. Esta palavra parece traduzir bem em que sentido o acontecimento trafegou nos escritos de Foucault: persistência teórico-discursiva que tem ressonâncias em práticas de problematização do intolerável com suas respectivas resistências — de uma arqueologia do acontecimento² a uma genealogia das problematizações, com suas variantes no campo da política, do encarceramento, da sexualidade e das éticas que encontram reforço em uma cultura de si, o fundo histórico persistente sempre foi o acontecimental. Na questão arqueológica do discurso, é preciso entender que o conceito de enunciado tem sua importância para aquilo que se chamará de “acontecimento discursivo”, fazendo aparecer jogos

² “O objeto de estudo de Foucault é o acontecimento enquanto acontecimento discursivo, e sua relação com os outros campos de formação social, com sua fixação, com sua função”. DOSSE, François. «Uma arqueologia do acontecimento». In: *Renascimento do Acontecimento*. Tradução de Constancia Morel. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 162.

relacionais nos processos constitutivos dos discursos³. No problema das práticas extra discursivas, que não deixa de ter sua relação com o discurso, a preocupação filosófica sai do âmbito teórico-descritivo do discurso e se lança a uma análise ético-política (também de cunho histórico, não esqueçamos) das relações entre poder e saber, no sentido de dar conta das redes microfísicas no processo de subjetivação dos indivíduos. Trata-se de abordar o acontecimento como elemento de uma análise que recai sobre a “lógica das práticas” de poder, mesmo que as análises destas práticas se desvincilhem tanto do modelo jurídico como de um modelo de guerra ao sabor nietzschiano, passando a portar grande interesse nos modos de conduta firmados pela ação de governo⁴.

No entanto, o que acabamos de apresentar é apenas um esboço que evidencia a nossa temática pelo viés histórico em várias pesquisas realizadas por Foucault. Quando consultamos o termo “acontecimento” no *Vocabulário de Foucault*, vemos que dois grandes usos são delineados: o primeiro toma o acontecimento como “modalidade de análise histórica da arqueologia”. Aqui encontramos dois sentidos precisos: a apresentação da novidade ou diferença e a elucidação da prática histórica. Neste, a regularidade histórica das práticas clareiam o objeto da descrição arqueológica, naquele, o novo toma sempre lugar. O surgimento de uma prática e o seu funcionamento no campo discursivo irão se entrelaçar e darão a tonalidade do interesse filosófico. O segundo uso do termo vai mais além e trabalha uma “concepção geral da atividade filosófica”, que também se ocupará de dois outros sentidos para o acontecimento: como relação de forças e como

³ “Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações”. FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de de Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 33.

⁴ Foucault evidencia bem esse deslocamento: “O poder, no fundo, é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários ou do compromisso de um frente a outro que da ordem do governo [...] O modo de relação próprio do poder não há, pois, que buscá-lo, do lado da violência e da luta, nem do lado do contrato ou do nexa voluntário (que, no máximo, só podem ser instrumentos), mas do lado desse modo de ação singular, nem guerreiro nem jurídico, que é o governo”. FOUCAULT, Michel. «Le Sujet et le Pouvoir». *Dits et Écrits II*. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p. 1056. Tal deslocamento também é conhecido por “Hipótese Foucault” em contraste à “Hipótese Nietzsche”. LEMKE, Thomas. *Foucault, Governamentalidade e Crítica*. Tradução de Mario Antunes Marino e Eduardo A. C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017, pp. 22-25.

acontecimentalização. Ali, a atividade filosófica ganha traços nietzschianos e se define em lutas estratégicas das quais o diagnóstico torna-se imprescindível na compreensão da atualidade; aqui, uma nova maneira de tratar a história é proposta⁵.

Este quadro traçado indica outros desdobramentos possíveis da nossa temática, não tão distantes do que trazemos, dos quais não aprofundaremos aqui. Limitar-nos-emos a analítica das relações de poder e a questão das estratégias, ou seja, ao período genealógico, tentado esboçar a utilização cada vez mais pragmática do conceito de acontecimento e procurando perceber, através desses usos, a sua inserção na prática filosófica de Foucault. Isso delega ao acontecimento uma importância *sine qua non* que explicaria as constantes retomadas e a capacidade em abordar sempre diferentemente seus conceitos principais. Em uma das suas várias entrevistas, encontramos como a questão do acontecimento é problematizada em seus livros:

É verdade que, em meus livros, experimentei compreender um acontecimento que me pareceu, ou melhor, que me parece importante para nossa atualidade (...). Por exemplo, para a loucura, parece que houve, em um momento dado, no mundo ocidental, uma divisão entre loucura e não-loucura; houve, em um outro momento, uma certa maneira de compreender a intensidade do crime e o problema humano colocado pelo crime. Todos esses acontecimentos, creio que nós os repetimos. Nós os repetimos em nossa atualidade, e eu experimento compreender qual é o acontecimento sob o signo do qual nascemos e qual acontecimento continua ainda a nos atravessar⁶.

Está claro o quanto a ideia de acontecimento não se desliga do que entendemos por atualidade e o quanto a sua própria vida filosófica, de um modo ou de outro, serviu de material no questionamento dessa questão. No entanto, tal interesse não foi

⁵ CASTRO, Edgardo. «Acontecimento». *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, pp. 24-25.

⁶ FOUCAULT, Michel. «La scène de la philosophie». *Dits et Écrits II*, pp. 573-574. Novamente podemos encontrar esse entrelaçamento entre atualidade e acontecimento: “Fazer diagnóstico do presente será para Foucault pensar desde o acontecimento”. CHAVERRY, Ramón. «Foucault y el acontecimiento». *In Reflexiones Marginales*, disponible en < <http://reflexionesmarginales.com/3.0/6-foucault-y-el-acontecimiento/> >. Acessado em 30-05-2019.

apenas fruto de uma experimentação em vida, mas também de certa relação oriunda dos antigos, entre eles os estoicos.

Isso é bem refletido na singular relação que Foucault estabelece com o conceito de acontecimento oriundo dos estoicos. É sabido, através do helenista de Émile Bréhier, o quanto a geração de Foucault é devedora desse tema. Dizer isso não significa que isso o atrela ao estoicismo, muito menos que nos autoriza a tomá-lo como estoico. No entanto, podemos perguntar: qual é então a relação que se estabelece com o acontecimento estoico na busca de um signo revelador em plena prática atual? Nenhum outro a não ser o de marcar um *uso estoico* do referido conceito. Mais explicitamente, um certo *modo* de utilização da noção de acontecimento que o remete a uma pragmática inovadora da problematização filosófica contemporânea: aquela que afasta as transcendências em prol das singularidades, aquela que procura desdobrar as perspectivas do olhar a colocá-lo em linha reta. Assim como não se considerava historiador e nem fazia filosofia da história, cairíamos em erro ao afirmá-lo estoico em vez de percebermos o uso proveniente das leituras que abarcavam a antiguidade. Se temos um trabalho que se define em uma filosofia do acontecimento não é por ter almejado em sua prática filosófica certo estoicismo, mesmo nas pesquisas que cobriram o período cultural que a este cabe, mas por querer elevar o seu caráter usual enquanto problema filosófico, enquanto maneira diferenciada de se praticar a filosofia. Esta, no sentido que procurava imprimir, pode apresentar feições estoicas pelo seu estilo de se apropriar criativamente do conceito e não por assumir um posicionamento ou um papel que o rotularia facilmente. Tinha-se aversão a rótulos! Portanto, mais do que caracterizar uma identidade com a tendência filosófica que é o estoicismo, é preciso admitir e enxergar o belo uso pragmático do conceito de acontecimento realizado por Foucault.

A noção de acontecimento praticada pelos estoicos, ao mesmo tempo em que retorce a história e que se mostra através desta como uma exigência sempre nova para outro exercício de pensamento, não deixou de afetar Foucault de maneira indelével. Se para os estóicos o acontecimento não é nada mais que o efeito de uma batalha corporal, em que sentido haveria uma retomada deste e, porque não, um uso inovador foucaultiano? Em qual caminho se realiza, nesse uso, um direcionamento para um materialismo do incorporal, apresentação incólume do que está entre o ser e o não ser?

No início dos anos 70, em meio às tantas explicações sobre a formação do saber como conjuntos de discursos, ele nos dará a sua primeira definição de acontecimento, próxima dos estoicos:

Se os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos, que estatuto convém dar a esta noção de acontecimento que foi tão raramente levada em consideração pelos filósofos? Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporal⁷.

O acontecimento é o efeito proveniente da relação entre os corpos, entre as matérias. A materialidade estoica garante a confluência entre os corpos para a produção do incorporal e sustenta ainda uma relação em que causa e matéria se imbricam numa ação e sofrimento desta ação que se definem como corpos. Tudo é corpo, tudo é matéria e o efeito desses encontros é a incorporalidade sem ação — mas a falta de uma atividade interna não deixa de ter realidade. Conceito estoico por excelência. Bréhier, comentando a colocação de que tudo é corpo, aquela que assustou Platão e Aristóteles, nos permite compreender melhor a colocação acima de Foucault:

(...) como para todos os antigos, o corpo enquanto tal é ativo por essência e em si mesmo. A afirmação de que tudo é corpo quer dizer unicamente que a causa, tal como nós a definimos, é um corpo, e o que sofre a ação dessa causa também é um corpo. E isso não é de modo algum uma recusa em reconhecer que haveria no universo um princípio espontâneo de atividade⁸.

⁷ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996, pp. 57-58.

⁸ BRÉHIER, Émile. *A Teoria dos Incorporais no Estoicismo Antigo*. Tradução de Fernando P. de Figueiredo e José E. P. Filho. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, pp. 23-24.

Esclarecida a noção, é aqui que talvez possamos encontrar certa proximidade usual de Foucault. E talvez também por isso ele se sinta filosoficamente isolado em sua prática atual, reclamando da nossa cultura que teima em apagar a relação entre acontecimento e poder — o poder como sendo algo que estivesse já aí, já dado e por isso inquestionável em sua constituição. Conversando com estudantes, mostrará que o saber, ou melhor, a constituição do saber no ocidente, em nome de determinadas verdades, não procura dar conta do jogo agonístico que acompanha todo acontecimento. Perde-se da capacidade perceptiva o imperceptível, aquilo que por não estar visível não deixa de ter realidade. A história do acontecimento do saber e do poder estaria por ser feita, mas precisa dos desvios das continuidades tomadas em sua eterna garantia de verdades. Aqui, o tom crítico que lhe é característico torna-se evidente:

Sobre as espécies do que se chamou, alternativamente, a verdade, o homem, a cultura, a escrita, etc., trata-se sempre de conjurar o que se produz: o acontecimento. As famosas continuidades históricas têm por função aparente explicar; os eternos “retornos” à Freud, à Marx, tem por função aparente fundar; em um caso como no outro, trata-se de excluir a ruptura do acontecimento. Para dizer as coisas diretamente: o acontecimento e o poder é o que é excluído do saber tal como é organizado na nossa sociedade⁹.

Seria o trabalho genealógico, com sua análise das relações de poder, das estratégias, da agonística presente entre as forças do real, da história política da verdade, da moral e da ética, todo um esboço profícuo que encontraria morada em uma filosofia do acontecimento? A analítica do poder dará sim conta desse trabalho, mas é preciso ter em mente que o caráter prático-experimental da filosofia foucaultiana, principalmente a partir da década de 70, com o seu ativismo político e suas pesquisas sobre a prisão, as relações da verdade com suas “formas jurídicas”, a sexualidade e sua história, etc., não deixou de evidenciar a realização, por mais incompreendida que ainda seja, de uma filosofia do acontecimento.

É aqui promissor termos a certeza de que a expressão da relação entre a noção de acontecimento e prática filosófica se efetiva como melhor caminho para o importante reconhecimento desse tipo de filosofia e da sua distinção ao lado de outras na nossa contemporaneidade. Estamos longe de cogitar tal prática como a

⁹ FOUCAULT, Michel. «Par-delà le bien et le mal». *Dits et Écrits I*, p. 1094.

certa ou a melhor para dar conta dos atuais problemas que enfrentamos; Foucault nunca fez da sua filosofia um trampolim para a saída dos problemas nem o reconhecimento claro e distinto da sua própria imagem em espelho. A filosofia do acontecimento é uma experimentação das singularidades, daquilo que se produz a partir do como se produz. Para tanto, um passo a cada vez.

Esse alinhamento com a filosofia antiga, como se viu, não impediu Foucault de estar atento às filosofias do seu tempo. Isso fica evidente na amarração do conceito também com a prática deleuziana. Em “*Theatrum Philosophicum*”, ele aborda o conceito de acontecimento não só em seu sentido estoico como deixa claro em sua escrita o quanto abraça as ideias retomadas por Deleuze naquele momento. Assim, seu ensaio, e também sua empreitada filosófica de vida, não deixaram de tomar partido na realização de uma filosofia do acontecimento¹⁰. Esse texto pode ser visto também como o resultado de certa afetação que a leitura dos livros deleuzianos *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969) provocaram em Foucault.

No texto que respalda tais obras, o acontecimento é tomado como um efeito presente no limite dos corpos, em uma superfície metafísica; mas também, atravessando as palavras e as coisas, rachando-as em seus limites, ele é o expresso de uma proposição ancorada em outra dimensão lógica; indo mais longe, para Foucault, na teia complexa do discurso, sua expressão verbal encontra-se no infinitivo presente¹¹.

Na relação das causas e dos efeitos (deixo de lado a relação inerente ao corpo e que o diferencia do incorporeal), foi dito que o acontecimento é o elemento incorporeal resultante da mistura dos corpos; se sua lógica é mais complexa em relação à aristotélica é porque denota a perda de referências aos fatos, referência fundamental àquela, e acentua o momento de embaraço do historiador quando da análise tradicional dos mesmos. O “verdadeiro” acontecimento não deve ser buscado nas causas simplesmente pelo fato de estar preso a uma determinada materialidade,

¹⁰ O reconhecimento não deixa de ser colocado: “Agradecemos a Deleuze. Ele não retomou o slogan que nos cansa: Freud com Marx, Marx com Freud, e todos os dois, se lhes agrada, conosco. Ele analisou distintamente o que era necessário para pensar o fantasma e o acontecimento”. FOUCAULT, Michel. «*Theatrum Philosophicum*». *Dits et Écrits I*, p. 955.

¹¹ FOUCAULT, Michel. «*Theatrum Philosophicum*». *Dits et Écrits I*, p. 951.

assim como na do discurso; sua materialidade (seu modo de ser) é incorporal (provém da matéria, mas não é como ela), está na atualidade do efeito. Sua metafísica não deve ser abandonada e nem confundida, pois,

(...) não é a metafísica de uma substância que possa fundamentar todos os seus acidentes; não é a metafísica de uma coerência que os situaria em um nexos baralhado de causas e efeitos. O acontecimento —a ferida, a vitória-derrota, a morte— é sempre efeito, inteiramente produzido por corpos que se entrecrocavam, se misturavam ou se separavam; mas esse efeito jamais é da ordem dos corpos (...). As armas que desfazem os corpos formam sem cessar o combate incorporal. A física diz respeito às causas; porém os acontecimentos, que são os seus efeitos, já não lhes pertencem¹².

Vê-se que entre a colocação da noção proveniente de um ou de outro, vinda dos estoicos ou de Foucault, afinidades se plantam. Afastamento de uma metafísica das fundamentações para colocar no lugar uma expressão do novo, deslocamento da história na direção de outra problematização do que se efetua, reconhecimento de uma materialidade imperceptível. Talvez o distanciamento possa ser marcado pelo uso do acontecimento para se pensar, sempre de novo, o problema do poder, trabalhar diferentemente novas formas de abordar o poder em suas relações. A genealogia reclama isso constantemente em seu uso, em sua prática filosófica e no seu incômodo com a insistência em retirar de cena o que silenciosamente está lá. Pensar diferentemente não pode ser uma exigência que só cabe à prática filosófica, pois a vida cobra seus lugares e suas maneiras de se apresentar na e diante da realidade. Entre caminhadas e recuos, formas se instauram, não se fixam, e as emergências ganham o campo aberto. Com certa prática estoica, restaurar o acontecimento passou a ser a tarefa filosófica de Foucault, o que lhe confere um aprendizado peculiar.

3. O conceito (foucaultiano) de acontecimento

A experiência com os estoicos traz, em Foucault, a possibilidade de demarcar práticas que se embrenharam em novos caminhos. No entanto, será a partir de um uso de Nietzsche que Foucault terá a percepção do acontecimento como relações de

¹² FOUCAULT, Michel. «Theatrum Philosophicum». *Dits et Écrits I*, p. 949.

forças e como algo que terá sua inscrição em uma “história efetiva”¹³. Com o avanço das pesquisas sobre o poder, seja inicialmente com o Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) ou mais tarde com a questão da sexualidade, tem-se que se o acontecimento tem como lugar de inscrição o corpo é este mesmo corpo que recebe as marcas do poder. Na história e através dela (não falo da história consolidada em efetuações e estados de coisa), poder e acontecimento participam da formação do indivíduo em sujeito, implementando a garantia de certa subjetividade. Diante de tal visada, eis a urgência em inverter a concepção jurídica e tradicional que se tem do poder (isso passa pelo fato de não mais dizermos que ele é repressor, negativo, mas que o mesmo possui em sua positividade uma funcionalidade em seu exercício e mecanismos¹⁴); daí, também, uma crítica que venha tornar fluidas as tramas da estrutura política na sociedade. É preciso entender que tudo, através das instituições sociais, através do Estado, é um jogo político na conquista do que previamente é estabelecido como “sujeito”. Nesse intuito, a realização de uma filosofia do acontecimento dar-se-ia pela análise da constituição política das relações que se firmam entre o indivíduo e o poder.

Esta tarefa pode ser compreendida através de certa definição do acontecimento, além das já esboçadas aqui. Textos da década de 1970 são fundamentais nessa explicitação do conceito. Claro, “Theatrum Philosophicum”, por ser uma leitura inovadora dos textos deleuzianos, abordando os estoicos, traz o conceito de maneira mais direta e literária. No entanto, isso não tira o mérito inventivo de Foucault ao desdobrar esse conceito não apenas em algumas entrevistas como no seu fazer

¹³ FOUCAULT, Michel. «Nietzsche, la généalogie, l’histoire». *Dits et Écrits I*, pp. 1014-1018.

¹⁴ Podemos dizer que a percepção da positividade do poder, em Foucault, começou em suas pesquisas nos anos 70; o que, em contrapartida, viria a se juntar a uma recusa completa do poder como algo repressor e a colocação de outra forma de pensá-lo. O acontecimento, jogo de forças, estaria aqui em plena gestação: “não se trata de fazer funcionar o poder entendido como dominação, domínio, a título de dado fundamental, de princípio único, de explicação ou de lei incontornável; ao contrário, trata-se de considerar sempre como relação em um campo de interações, trata-se de pensar em uma relação indissociável com formas de saber, e trata-se de pensar sempre de tal maneira que se o veja associado a um domínio de possibilidade e por consequência de reversibilidade, de inversão possível”. FOUCAULT, Michel. «Qu’est-ce la critique? [Critique et *Aufklärung*]». In: *Bulletin de la Société Française de Philosophie*. 84 Anné, 2, avril-juin, Paris, 1990, p. 52.

filosófico. É evidente que a noção de acontecimento passa pelos seus escritos e ditos, mas passa imanentemente também como realização de um modo de viver.

Desenvolvendo a concepção de história no processo genealógico, temos um conceito de acontecimento:

Acontecimento: é preciso entender por isto não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada¹⁵.

O acontecimento figura como uma “relação de forças”; não é uma batalha em si, na sua efetuação pronta e primeva, mas os fluxos estratégicos que constituem a batalha em sua própria singularidade, a constituição dos afrontamentos, a sua mecânica de procedimentos, o seu funcionamento e não o silêncio das coisas em sua firme unidade. O interesse genealógico prende-se à distração aleatória dos efeitos produzidos pelos corpos que fazem outra história, ainda não contada. Fazer a história não é atrelar as determinações humanas ao controle contínuo das ações, mas deixar o acaso se expressar em suas particularidades e inovações. Temos um teatro de encenações invisíveis, mas consistentes em suas próprias realidades.

Em 1973, em meio às suas atividades no Grupo de Informações sobre a Prisão, Foucault veio ao Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e proferiu um conjunto de cinco conferências que foram reunidas e publicadas com o título *A Verdade e as Formas Jurídicas*. No desenrolar dessas conferências tentou-se mostrar as várias formas de construção da verdade na história do direito penal. Mas foi na primeira conferência que, de alguma forma, se trabalhou a idéia de acontecimento como relações de forças, relações de poder. Contra o conhecimento que quer se fazer natural, verdadeiro e fundamentado — insistência que logiciza o mundo, fazendo da linguagem um mero espelho daquele —, é preciso opor a “luta e o compromisso entre os instintos”. O conhecimento se apresenta assim como um resultado acontecimental fabricado pelos instintos em luta, um “efeito de superfície” que irrompe em dispersão. Ele provém dos instintos, é efeito, mas não é um instinto; é “uma centelha entre duas espadas”, mas não é feito do mesmo ferro das

¹⁵ FOUCAULT, Michel. «Nietzsche, la généalogie, l’histoire». *Dits et Écrits I*, p. 1016.

espadas¹⁶. Temos aqui, não tangencialmente, o conceito estoico de acontecimento com sua utilização possível.

Mas colocar o conhecimento como um efeito acontecimental, como uma invenção proveniente das relações entre os instintos é uma parte da questão. A outra parte é que o conhecimento também não tem nenhuma relação com os objetos a conhecer; ergue-se então a apresentação de um teatro no qual o poder e a violência tomam seus lugares e fazem a representação legitimada da vida, colocando-se como a própria vida. Mais ou menos por caminhos não muito tortuosos, será esta a situação da prova jurídica na civilização ocidental: verdade inventada à força e pisoteada com peso científico. Verdade como acontecimento que provém das relações de forças. O mesmo será dito em outro lugar:

Pode-se, portanto, supor em nossa civilização, e no decorrer dos séculos, toda uma tecnologia da verdade, que a prática científica e o discurso filosófico pouco a pouco desqualificaram, recobriram e caçaram. A verdade não é da ordem daquilo que é, mas do que ocorre: acontecimento. Ela não é constatada, mas suscitada: produção em lugar do apofântico. Ela não se dá pela mediação de instrumentos, ela se provoca por rituais; ela é atraída por astúcias, se a compreende segundo as ocasiões: estratégia e não método. Desse acontecimento assim produzido ao indivíduo que o espreitava e que é surpreendido, a relação não é do objeto ao sujeito de conhecimento, é uma relação ambígua, reversível, belicosa de domínio, de vitória: uma relação de poder¹⁷.

Se esta verdade como acontecimento é definida a partir de um efeito das relações de poder e se ainda cabe mostrar isso da forma mais prática possível, segundo os interesses de Foucault, através das questões da loucura, da medicina, da racionalidade, da prisão e da sexualidade, então é preciso aprofundar mais ainda tal conceito. Parece-me que o momento ímpar de explicitação desta noção deu-se em uma conversa com historiadores. Voltaremos à entrevista “Table ronde du 20 mai 1978”, pois sua presença aqui se faz necessária. Será nela que vamos encontrar uma nova expressão para pensar o acontecimento como um procedimento analítico. No Brasil, o termo

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Tradução de Roberto Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999, pp. 15-17.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. «La maison des fous». *Dits et Écrits I*, p. 1562.

évènementialization foi traduzido por estudiosos e comentadores, no melhor sentido possível, por *acontecimentalização*, que encontra sua definição muito precisa:

Eu experimento trabalhar no sentido de uma “acontecimentalização”. Se o acontecimento foi, durante muito tempo, uma categoria pouco avaliada pelos historiadores, pergunto-me se, compreendida de uma certa maneira, a acontecimentalização não é um procedimento de análise útil. Que é preciso entender por isso? Primeiro, uma ruptura de evidência. Ali onde se tentaria referir-se a uma constante histórica ou a um ato antropológico imediato ou, ainda, a uma evidência impondo-se da mesma maneira à todos, trata-se de fazer surgir uma ‘singularidade’. Mostrar que não era “tão necessário assim”; não era tão evidente que os loucos fossem reconhecidos como doentes mentais; não era tão evidente que a única coisa a fazer com um delinqüente fosse interná-lo; não era tão evidente que as causas da doença devessem ser buscadas no exame individual do corpo, etc. Ruptura das evidências, essas sobre as quais se apóiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. Temos aqui a primeira função teórico-política do que chamaria de “acontecimentalização”.

Essa definição não tem ainda seu termo e é alongada em seu complemento:

Além disso, a acontecimentalização consiste em reencontrar as conexões, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias, etc., que, em um momento dado, formaram o que, em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade. Ao tomar as coisas dessa maneira, procedemos a uma espécie de desmultiplicação causal¹⁸.

Temos a noção se desdobrando em dois lados: de um lado, uma ruptura que procura mostrar que a realidade, em sua construção, não é tão evidente assim (não é tão evidente que a loucura seja uma doença diante da não loucura; que a prisão seja a única forma de combate à criminalidade, como se tal desejo a quisesse levar à estaca zero; que a sexualidade seja apenas uma definição de papéis sociais, etc.); de

¹⁸ FOUCAULT, Michel. «Table ronde du 20 mai 1978». *Dits et Écrits II*, p. 842. Essa noção, como percepção das “conexões” entre os “mecanismos de coerção e conteúdos de conhecimento”, ou seja, como realização possível de uma ruptura a ser concretizada, também é colocada em FOUCAULT, Michel. «Qu’est-ce la critique? [Critique et Aufklärung]». *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, p. 48.

outro lado, perceber os contornos, as estratégias, os mecanismos incisivos, as funcionalidades, enfim, a encenação que nos leva a aceitar uma determinada realidade como tal. A evidência não deixa de ser oriunda do ato construtivo e o apagamento dessas mobilizações perde de vista suas forças constitutivas. A ruptura permite apontarmos para uma singularidade, para o que se abrirá em puro experimento, traçando em um segundo momento o caminho para algo (seja a loucura, a delinquência ou a sexualidade, entre outros, não importa) tornar-se evidente. Já a chamada “desmultiplicação causal” preenche esse caminho para o evidente, ou melhor, contrariamente, temos a decomposição dos elementos de constituição do acontecimento tornado evidente. Se não há uma causa para a evidência de algo, então devemos pensar o acontecimento historicamente analisado em suas várias possibilidades. Aberturas de perspectivas lhe são cobradas, tornando o acontecimento, pelo menos na perspectiva foucaultiana, mais compreendido e definido.

4. Acontecimento, história e prática

O encontro com o acontecimento na realização de uma história inusitada, independente e longe do assentamento em uma ordem histórica ou filosófico-metafísica, define bem o trabalho de Foucault. O esforço prático em trazer essa forma diante das incongruências continuístas do fazer histórico é bem explicitado quando se utiliza dos seus próprios exemplos de pesquisa, tentando mostrar a especificidade da loucura e da prisão quando aplicado o procedimento de acontecimentalização:

Para melhor compreender o que é punido e porque se pune, coloquei a questão: como se pune? Nisto, não faço outra coisa que seguir o caminho tomado a propósito da loucura: mais do que se perguntar o que, em uma dada época, é considerado como loucura e o que é considerado como não-loucura, como doença mental e como comportamento normal, perguntar-se como se opera a divisão. O que me parece trazer, não digo toda luz possível, mas uma forma de inteligibilidade bastante fecunda¹⁹.

Podemos perceber o seu interesse (que não deixa de ser prático) pela racionalidade da prática, pelos mecanismos de implantação e transformação do real, tornando

¹⁹ FOUCAULT, Michel. «Table ronde du 20 mai 1978». *Dits et Écrits II*, p. 840.

inteligível toda a movimentação que conflui para a constituição do que será tomado como realidade. Questão que traz a exigência de um empenho no seu enfrentamento. Como? Como se pune? Como se estabelece a ideia de loucura que lhe separa dos não loucos? Como se constrói o conceito de sexualidade a partir da instrução definitiva de identidades que encontraram seus lugares no seio social? Talvez Pierre Rivière (com suas mãos de sangue), Herculine Barbin (com sua dúvida sexual) e Raymond Roussel (com sua loucura entre as letras) trouxessem respostas para essas questões, mas era preciso e fundamental, entre todas as dores do mundo, mostrá-las na prática, condensá-las em acontecimentos também inusitados²⁰.

São essas práticas, dentro das suas análises filosóficas distanciadas de um olhar míope, que nos convidam ao encontro com uma história que não nos é contada. Esta história dita “serial”, deixa de lado as noções de tempo e passado e se agarra no devir e no acontecimento, no improvável e inesperado²¹. Um exemplo prático disso podemos conferir quando Foucault explicita, referindo-se à prática do aprisionamento, o seu afastamento de uma narrativa institucionalizada ou ideológica:

Neste trabalho sobre as prisões, como em outros, o alvo, o ponto de ataque da análise, não eram as “instituições, as “teorias” ou as “ideologias”, mas as “práticas” — e isto para compreender as condições que, em um dado momento, as tornam aceitáveis: a hipótese sendo que os tipos de práticas não são apenas comandados pela instituição, prescritos pela ideologia ou guiados pelas circunstâncias — qualquer que seja o papel de uns e de outros —, mas que eles tem, até certo ponto, sua regularidade própria, sua lógica, sua estratégia, sua evidência, sua “razão”. Trata-se de fazer a

²⁰ Sem falar nos livros característicos, remeto a textos precisos: FOUCAULT, Michel. «Archéologie d'une passion». *Dits et Écrits II*, pp. 1418-1427 (sobre Raymond Roussel); «Le vrai sexe». *Dits et Écrits II*, pp. 934-942 (sobre Herculine Barbin) e «Entretien avec Michel Foucault: moi, Pierre Rivière». *Dits et Écrits II*, pp. 97-101 (sobre Pierre Rivière).

²¹ FOUCAULT, Michel. «Revenir à l'histoire». *Dits et Écrits I*, pp. 1144-1145. Se o acontecimento, como afirmam Deleuze e Guattari, escapa à História (com “h” maiúsculo), sabemos que esta não se refere à história “serial” (com “h” minúsculo) anunciada por Foucault. “O que a História capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisas ou no vivido, mas o acontecimento em seu devir, em sua consistência própria, em sua autopoisição como conceito, escapa à História”: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 143.

análise de um “regime de práticas” — essas sendo consideradas como o lugar de encadeamento do que se diz e do que se faz, das regras que se impõem e das razões que se dão, dos projetos e das evidências.

E conclui o que se entende pelo conceito de “regime de práticas”:

Analisar “regimes de práticas” é analisar programações de conduta que têm, ao mesmo tempo, efeitos de prescrição em relação ao que se deve fazer (efeitos de “jurisdição”) e efeitos de codificação em relação ao que se deve saber (efeitos de “veridicidade”)²².

Que estratégias uma determinada prática (com sua racionalidade) se utilizou para gerar como efeito jurídico e de verdade o que, logo em seguida, se tornaria uma evidência natural e inquestionável tanto no campo da sexualidade e da psiquiatria como em torno do encarceramento? Como analisar, no âmbito prático da história, regimes de conduta e imposições sub-reptícias e constitutivas da realidade? São essas problematizações que devem ser levantadas na questão da história pelos devires acontecimentais. Tais práticas de pensamento trazem à tona toda uma complexidade que resulta no acontecimento. Ter, através das práticas, seus regimes problematizados tira o peso de uma teoria filosófica sacralizada no tempo e impede uma redução das experimentações ao estilo histórico tradicional e comum aos trabalhadores desse ramo. A história do acontecimento, dos seus devires, deve explicitar as grências das práticas e, diante delas, criar o novo pragmaticamente²³.

O interesse pelas práticas não se resume a isso. Em 1971, Foucault relembra que em *As Palavras e as Coisas* e *A Arqueologia do Saber* buscava os conjuntos de discursos e agora se interessa “pelas instituições e pelas práticas, por essas coisas de algum modo

²² FOUCAULT, Michel. «Table ronde du 20 mai 1978». *Dits et Écrits* II, p. 841.

²³ Neste ponto, penso se não nos aproximamos da ideia de “prática” presente no pragmatismo de William James: “No entanto, em James, o termo ‘prática’ não diz respeito necessariamente ao domínio da ação por oposição ao campo da reflexão teórica; ele designa antes de mais nada um ponto de vista: ‘prática’ significa que consideramos a realidade, o pensamento, o conhecimento (e também a sua ação) enquanto eles estão se produzindo”. LAPOUJADE, David. *William James, a construção da experiência*. Tradução de Hortência S. Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017, p. 11.

debaixo do dizível”²⁴. Mais tarde ainda, em uma de suas últimas entrevistas, fará nova referência à questão das práticas:

O que experimento analisar são práticas, é a *lógica imanente à prática*, são as estratégias que sustentam a lógica dessas práticas e, por consequência, a maneira como os indivíduos, livremente, em suas lutas, em seus afrontamentos, em seus projetos, se constituem como sujeitos de suas práticas ou recusam, ao contrário, as práticas que lhe são propostas²⁵.

Vemos que apesar da palavra “prática” (*pratique*) ser utilizada, o que se tem em mente no processo de análise é a “lógica” que rege toda uma cultura social. É aqui que encontramos certa distância de Foucault em relação à história tradicional, aquela que não narra o acontecimento, tão privilegiado em pensadores como Deleuze. Singularizar práticas na história não é fazer uma história dos saberes, nem das racionalidades presentes em nossa sociedade, mas se ganha estudando seus efeitos de jurisdição e de veredicto, aos quais tais práticas são constantemente submetidas. Dito de outro modo, trata-se de ter em mente e como elas são codificadas e legitimadas como verdadeiras e a acontecimentalização revela o jogo das práticas. É à luz do acontecimento que o governo dos homens se aliam com a produção da verdade e isso se evidencia nas práticas da loucura, das ciências empíricas, da medicina clínica, etc. Eis o que se busca:

Acontecimentalizar conjuntos singulares de práticas, para fazê-las aparecer como regimes diferentes de jurisdição e de veredicto, eis aí, em termos extremamente bárbaros, o que eu gostaria de fazer. Vocês veem que isso não é nem uma história dos conhecimentos, nem uma análise da racionalidade crescente que dominam em nossa sociedade, nem uma antropologia das codificações que regem, sem que o saibamos, nosso comportamento. Gostaria, em suma, de recolocar o regime de produção do verdadeiro e do falso no coração da análise histórica e da crítica política²⁶.

O acontecimento, a história e a prática, em Foucault, não podem significar outra coisa.

²⁴ FOUCAULT, Michel. «Um problème m'intéresse depuis longtemps, c'est celui du système pénal». *Dits et Écrits I*, p. 1076.

²⁵ FOUCAULT, Michel. «Interview de Michel Foucault». *Dits et Écrits II*, p. 1512.

²⁶ FOUCAULT, Michel. «Table ronde du 20 mai 1978». *Dits et Écrits II*, p. 846.

5. Conclusão

Que outra coisa poderiam significar o acontecimento, a história e a prática filosófica? O que se tira dessa relação inquietante na potência de um pensamento e na firmeza ética das ações? O que se sabe é que a prática filosófica de Michel Foucault abraçou o acontecimento e a história. E mais, abraçou aquele neste e todos em uma prática. Esta que de uma forma ou de outra teve respaldo nos antigos, nos estoicos, percebeu outra forma de se expressar, entre o ser e o não ser, na superfície das coisas, na materialidade das emergências, nos devires silenciados em prol do mesmo. Mas o tempo não tarda e a obstinação dos possíveis ganha novos modos, uma nova política em uma nova história. Aqui o discurso revela o seu trabalho incansável entre o verdadeiro e o falso e o poder seus direcionamentos de ações, de práticas.

O empreendimento acontecimental no campo da história e a produção de uma crítica política do mundo em que vivemos dar conta dessas revelações, levantando o problema: em que sentido é levado às últimas consequências esse jogo entre o verdadeiro e o falso no intuito, seguindo sempre uma linha reta, de fazerem os homens governarem a si mesmos e aos outros, no conforto do poder que lhes acolhe? No sentido de ver o imperceptível, de enfrentar pelo acontecimento as estratégias inerentes à sutileza dessas lutas, dessa política continuada por outros meios. Diante desta, a acontecimentalização terá também uma tarefa política de resistência: o impulsionamento de singularidades ao longo da história como realização da “ruptura das evidências”, perdendo de vista a essência que consolida o real sem problematizações prévias. É preciso mostrar que a construção do sujeito diante dos saberes, nas suas relações mais estratégicas com o poder, e vice-versa, pode ser (e geralmente é) diferente do que à primeira vista nos aparece. A “verdade” aqui realiza sua dança ao sabor do som e sempre fica no ar o que nos incomoda: qual é a verdade e a falsidade, quando não muito se embaralham, que nos comanda? Passando pelas composições dos discursos, pelos movimentos agonísticos do poder e pela inteligibilidade do Estado com suas formas de governo, que procedimentos são adotados como capacitação tática para, mais do que constituir, fazer indivíduos constituírem a si mesmos enquanto sujeitos?

Foi preciso não apenas aprender a lição com os estoicos, mas também como fazer um uso criativo do acontecimento para o momento presente (seu presente) no seio

da história. Dar a uma filosofia do acontecimento a travessia por práticas, por questões práticas que inicialmente e aparentemente foram tidas como menos importantes (loucura, medicina, prisão e sexualidade), mas que se confirmaram fundamentais para pensar diferentemente o nosso mundo, pode ser vista também como a prática filosófica de Foucault. A genealogia, com sua radicalização analítica em torno do poder, mostrou o acontecimento justamente onde deveria ser buscado: nos confrontos e nas imposições das forças. Forças que passam não apenas pelo discurso, mas principalmente pelas maneiras de gerir a vida, ganham relevo nos acontecimentos e nas práticas, que não deixam de ser filosóficas. Enquanto no mundo irromper acontecimentos, encontraremos suas práticas filosóficas.

Referencias

BRÉHIER, Émile. *A Teoria do Incorporais no Estoicismo Antigo*. Trad. Fernando P. de Figueiredo e José E. P. Filho. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CASTRO, Edgardo. «Acontecimento». In *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução Ingrid Müller. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CARDOSO, Irene de Arruda R. «Foucault e a noção de acontecimento». In *Tempo Social*. 7 (1-2). São Paulo, 1995.

CHAVERRY, Ramón. «Foucault y el acontecimiento». In *Reflexiones Marginales*, disponible en < <http://reflexionesmarginales.com/3.0/6-foucault-y-el-acontecimiento/> >. Acessado em 30-05-2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOSSE, François. «Uma arqueologia do acontecimento». In: *Renascimento do Acontecimento*. Trad. Constanca Morel. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. “Qu’est-ce la critique? [Critique et Aufklärung]”. In: *Bulletin de la Société Française de Philosophie*. 84 Anné, 2, avril-juin, Paris, 1990. pp. 35-63.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Trad. de Roberto Machado e Eduardo J. Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FOUCAULT, Michel. “Le Sujet et le Pouvoir”. *Dits et Écrits II*. Paris: Quarto Gallimard, 2001

FOUCAULT, Michel. “Theatrum Philosophicum”. *Dits et Écrits I*. pp. 943-967.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, la généalogie, l’histoire”. *Dits et Écrits I*. pp. 1004-1024.

FOUCAULT, Michel. “Um problème m’intéresse depuis longtemps, c’est celui du système pénal”. *Dits et Écrits I*. pp. 1073-1077.

FOUCAULT, Michel. “Par-delà le bien et le mal”. *Dits et Écrits I*. pp. 1091-1104.

FOUCAULT, Michel. “Revenir à l’histoire”. *Dits et Écrits I*. pp. 1136-1149.

FOUCAULT, Michel. “La maison des fous”. *Dits et Écrits I*. pp. 1561-1566.

FOUCAULT, Michel. “Entretien avec Michel Foucault: moi, Pierre Rivière”. *Dits et Écrits II*. pp. 97-101.

FOUCAULT, Michel. “La scène de la philosophie”. *Dits et Écrits II*. pp. 571-595.

FOUCAULT, Michel. “Table ronde du 20 mai 1978”. *Dits et Écrits II*. pp. 839-853.

FOUCAULT, Michel. “Le vrai sexe”. *Dits et Écrits II*. pp. 934-942.

FOUCAULT, Michel. “Archéologie d’une passion”. *Dits et Écrits II*. pp. 1418-1427.

FOUCAULT, Michel. “Interview de Michel Foucault”. *Dits et Écrits II*. pp. 1507-1515.

LAPOUJADE, David. *William James, a construção da experiência*. Trad. Hortência S. Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEMKE, Thomas. *Foucault, Governamentalidade e Crítica*. Trad. de Mario Antunes Marino e Eduardo A. C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.